

Quarenteners e Cloroquiners: pandemia e moralidades em disputa

Wellington da Silva Conceição¹

Resumo

O presente artigo explora duas diferentes concepções morais emergentes na conjuntura da pandemia de Covid-19 e classificadas a partir das categorias *Quarenteners* e *Cloroquiners*. Em respostas às crises existentes no contexto pandêmico (como a sanitária e a econômica), essas concepções são moldadas a partir da polarização presente no cenário político brasileiro, os grupos envolvidos abordam – sobre diferentes óticas morais - temas como o isolamento/distanciamento social, o uso de possíveis medicamentos e a vacinação, tendo sempre em seus argumentos que sua postura diante dos fatos é a única capaz de preservar vidas. O conteúdo utilizado para análise se baseia em publicações em páginas de internet e declarações na imprensa entre março de 2020 e março de 2021.

Palavras-chave: Covid-19. Moralidades. Quarenteners. Cloroquiners.

Abstract

This article explores two different moral conceptions emerging in the context of the Covid-19 pandemic and classified according to the *Quarenteners* and *Cloroquiners* categories. In response to the crises that exist in the pandemic scenario (such as sanitary and economic), these conceptions are shaped from the polarization present in the Brazilian political scenario, the groups involved approach – from different moral perspectives – themes such as social isolation/distance, the use of possible medications and vaccination, always bearing in mind that their attitude towards the facts is the only one capable of preserving lives. The content used for analysis is based on publications on internet pages and statements in the press between march 2020 and march 2021.

Key words: Covid-19. Morals. Quarenteners. Cloroquiners.

1 Introdução

Os dilemas morais de uma sociedade estão sempre em voga, e são temas tanto das arenas políticas como das conversas informais. Em momentos de crise, no entanto, estes parecem ganhar maior importância. No contexto da pandemia do novo coronavírus, certas opções morais parecem ser consideradas a razão de um declínio ou a possibilidade de uma recuperação – seja no campo econômico ou sanitário.

¹ Doutor em Ciências Sociais (UERJ). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Nesse contexto pandêmico apela-se para algumas moralidades como forma de reação ao contexto de crise instituído. Estas são ora apresentadas como a opção mais prudente, ora como a forma natural de ação, isso quando não assumem as duas características. Essas opções morais envolvem temas já conhecidos de todos – como a crise econômica – e outros que entraram para a agenda nacional a partir dessa pandemia - o distanciamento social, a vacinação e alguns tratamentos controversos, como aqueles que envolvem o uso da cloroquina, hidroxiclороquina e ivermectina.

Como apontava Durkheim (2016), os sistemas morais envolvem entrega e fidelidade aos seus princípios. Eles não são só respeitados, mas amados e promovidos por seus seguidores. No Brasil, dois grupos têm protagonizado uma batalha moral em torno das práticas de isolamento e possíveis tratamentos médicos, tendo como espaço privilegiado de confronto meios de comunicação e redes sociais. Tais coletividades e seus embates são definidos por jornalistas como o novo epicentro da polarização político país. Foram apelidados, a partir de suas convicções, de *Quarenteners* e *Cloroquiners*².

As reflexões presentes neste artigo começaram a ser escritas em junho de 2020. De lá pra cá, muitas coisas mudaram. A pressão de setores como os comércios e as empresas e a queda na taxa de transmissão do coronavírus e internações fez boa parte dos brasileiros considerar o retorno a parte das suas rotinas, mesmo que respeitando algumas práticas de prevenção (como o uso da máscara e o álcool em gel), e as disputas em torno do isolamento e distanciamento perderam certo espaço. Em janeiro de 2021, o Brasil foi acometido do que os cientistas chamaram de uma “segunda onda” da pandemia, alcançando médias diárias de mortes – a partir de março de 2021 – superiores as apresentadas nos períodos mais críticos de 2020, caracterizando o Brasil como epicentro do coronavírus no mundo³. Mais uma vez essa polaridade encontrou-se viva nas arenas moral e política, mas trazendo um novo elemento para o debate: a vacinação em curso.

2 A moralidade quarentener

²Confira: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/guerra-entre-cloroquiners-e-quarenteners-reinventando-polarizacao-na-pandemia.shtml> Acesso em 20/06/2020.

³ Cf. <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/com-2349-mortos-em-um-dia-brasil-vira-epicentro-da-pandemia-24919198> Acesso em 13/03/2021. Acesso em 13/03/2021.

O primeiro grupo, os *quarenteners*, agem em consonância com as orientações da Organização Mundial da Saúde e de boa parte da comunidade científica, que defende práticas de distanciamento social e isolamento, uso de máscara e álcool em gel e vacinação para diminuir a proliferação do Covid-19 e consequente colapso dos sistemas de saúde. Defendem que somente a vacinação em massa pode trazer uma solução efetiva para o fim da pandemia. Pregam ainda que tratamentos experimentais, como o que é feito com a hidroxicloroquina e a ivermectina, não se tornem padrão. Durante o mês de maio de 2020, partindo de uma série de experimentos, grupos de cientistas concluíram que a hidroxicloroquina (e seus derivados) não oferece qualquer garantia de prevenção ou de recuperação aos acometidos pela Covid-19, e que ainda aumenta os riscos de óbito⁴. Diante dessas descobertas, alguns países aboliram o uso do medicamento, inclusive a França (em 27 de maio de 2020), que foi uns dos primeiros em que grupos de pesquisadores defenderam o uso da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19.

O apelo à moralidade *quarentener* defende a vida a partir do argumento da sua preservação diante do vírus e suas consequências. Para os seus adeptos passa a ser imoral, por exemplo, a quebra desnecessária do isolamento ou qualquer resistência à vacinação. Ao infrator, caberá o peso não só dos riscos que corre, mas da sua responsabilidade no processo de difusão do vírus junto às demais pessoas, especialmente as que se enquadram nos grupos de risco.

Duas linguagens presentes nas redes sociais exemplificam essa postura moral: a primeira é aquela conhecida como “meme do caixão”, um vídeo onde dançarinos que carregam caixões (em Gana, no continente africano) se apresentam em uma espécie de coreografia dos rituais fúnebres locais, com uma música dançante de fundo. Diante do possível risco de contaminação coletiva, o meme é ativado. Ele foi diversas vezes acoplado – em 2020 - em falas de políticos e empresários defendendo a reabertura dos comércios em meio à pandemia. Na imagem abaixo vemos um *outdoor*, iniciativa de um empresário de Sorocaba (interior de São Paulo), que associou o referido meme às atitudes de quebra de isolamento. Com bom humor, o meme representa um alerta aos

⁴ Cf. <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-30/mais-de-100-especialistas-alertam-para-falhas-em-estudo-que-condenou-o-uso-da-cloroquina-no-mundo.html> Acesso em 30/05/2020.

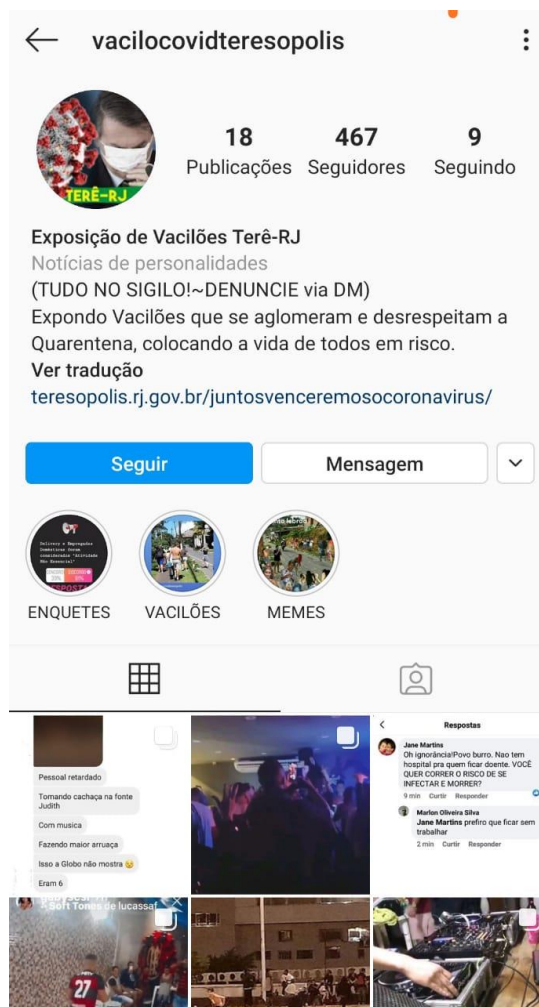
riscos para si e para os outros (e aí estaria a imoralidade) da postura resistente à quarentena.



Fonte: Notícias UOI⁵

Outra interessante manifestação nas redes sociais foram os perfis do *Instagram* denominadas “vacilocovid”, que existiram em várias cidades do país, das capitais aos interiores. O objetivo desses perfis era expor publicamente infratores (os “vacilões”) do isolamento social, alertando as autoridades públicas e cidadãos sobre quem descumpe as normas de distanciamento, promovendo aglomerações. É interessante pensar esse repertório de denúncia por meio de fotos em redes sociais tem sido uma estratégia bastante utilizada para intimidar criminosos que atuam nas ruas e outros espaços públicos. O termo vacilão também é uma categoria moral atribuída – entre outras possibilidades – aos criminosos. O vacilão é aquele que rompe com uma suposta ordem instituída, vista como necessária para o bem da sociedade.

⁵ Cf. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/16/sp-empresario-usa-meme-do-caixao-em-outdoor-para-pedir-isolamento-social.htm>. Acesso em 30/05/2020.

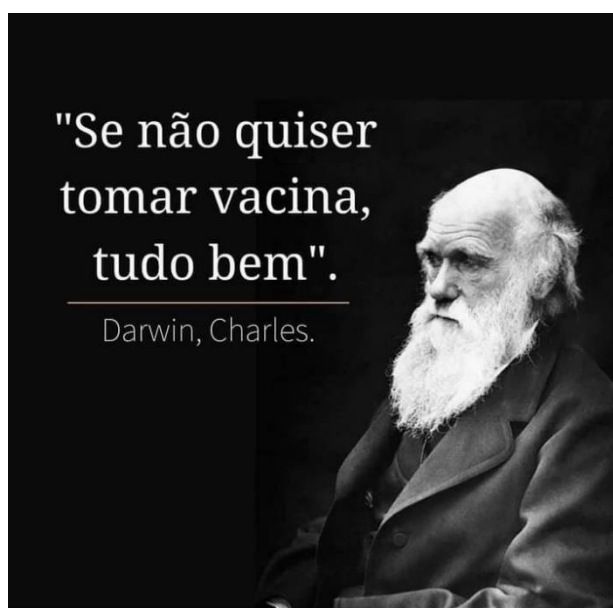


Percebemos aqui uma postura panóptica junto aos infratores da quarentena: considera-se necessário (bem como no modelo observado por Foucault) “vigiar e punir” (FOUCAULT, 2008) aqueles que não seguem normas de distanciamento. A postura *quarentener* foi acolhida, em um primeiro momento, por muitos gestores públicos. No primeiro semestre de 2020, normas como o fechamento das escolas e comércios, o uso de máscaras e proibição de aglomerações foram adotadas pela maioria das cidades e estados, e se tornaram objeto de punição pública para possíveis desviantes.

Outros memes, baseados nas polêmicas em torno da vacina, circularam amplamente nas redes sociais. Vale ressaltar que em 2020, cientistas de várias institutos de pesquisa e laboratórios farmacêuticos desenvolveram vacinas que começaram a ser

aplicadas em alguns países em dezembro de 2020⁶. No Brasil, um grupo apresentou forte resistência à imunização (os motivos destacaremos mais à frente), o que certamente motivou a chacota por parte dos que eram favoráveis à vacinação.

Um dos mais populares memes dos pró-vacina utilizava a imagem do cientista Charles Darwin, conhecido pela sua teoria da evolução. No meme, segue uma frase atribuída (ironicamente) ao famoso cientista, com o seguinte trecho: “Quem não quiser tomar vacina, tudo bem”.



O meme parte de um dos princípios básicos da teoria da evolução: a seleção natural. Ou seja, só sobrevivem os seres mais aptos e mais fortes, que conseguem se adaptar ao processo evolutivo. A ironia em questão coloca em cheque as capacidades cognitivas de quem adere a um discurso antivacina e afirma que o mesmo se coloca como uma das potenciais vítimas do processo evolutivo. Ao escolher não se vacinar, o indivíduo voluntaria-se a desaparecer pela seleção natural.

Apesar do meme, os cientistas temem os efeitos de uma rejeição à vacina por um considerável setor da sociedade. A moral *quarentener* reconhece o potencial destrutivo de uma campanha antivacina nesse momento. Além de atrasar o alcance da “imunidade de rebanho”⁷ (e a verdadeira imunização – reconhecem – se dá por via da

⁶ A primeira imunização no Brasil contra a COVID-19 aconteceu na cidade de São Paulo (SP), em 17/01/2021. A primeira vacinada (fora dos estudos clínicos) foi Mônica Calazans, de 54 anos, enfermeira na UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, em São Paulo.

⁷ Segundo Machado (2020), a imunidade de rebanho “trata-se de um termo originado na epidemiologia veterinária que diz respeito a uma forma indireta de proteção contra doenças infecciosas e ocorre quando uma grande porcentagem de uma população se torna imune a uma infecção — por meio de vacinação,

vacinação em massa), permite o desenvolvimento de novas cepas do vírus, mais agressivas à saúde (como a identificada em Manaus) e que podem até ser resistentes às vacinas já desenvolvidas⁸. A atitude de não querer se vacinar entra para o conjunto das atitudes reprováveis e imorais – por parte dos *quarenteners* - no contexto pandêmico.

3 A moralidade *cloroquiner*

O outro lado dessa batalha moral foi capitaneado pelo presidente da república, outros políticos e alguns empresários, e defendiam – no primeiro semestre de 2020, especialmente - a reabertura imediata das atividades não essenciais e a utilização da hidroxicloroquina e ivermectina nos tratamentos para Covid-19. Nesse contexto, a base das decisões não está ancorada no que dizem os infectologistas e demais pesquisadores da saúde pública, mas em alguns adeptos de uma economia neoliberal. São ainda – muitos deles - contra a vacinação e principalmente contra a sua obrigatoriedade, especialmente se a vacina for a coronaVac⁹, reconhecida por muitos desses como “a vacina da China” ou “vachina”.



Imagem 3 – Foto em protesto¹⁰

Mais uma vez o argumento moral em favor das vidas aparece: é por elas, afetadas por uma possível recessão econômica, que a quarentena não deve continuar.

infecções prévias ou imunidade natural —, tendo por consequência a proteção de indivíduos não imunes” (p. 2).

⁸ <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,perguntas-e-respostas-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-as-novas-variantes-do-coronavirus,70003618141> . Acesso em: 13/03/2021.

⁹ CoronaVac é uma vacina desenvolvida em 2020 - para o novo coronavírus - pela farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan.

¹⁰ Imagem disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/pequena-sem-embasamento-cientifico-e-feroz-a-manifestacao-antivacina-em-sao-paulo-232049485.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAEtDqXzkSTY6rNmmgGZovL_mXMZ3N_EPhId2N42_74rzy-cn3jPP2FpDHaNktPCaOB8vfeDPIXQCsqaJfNLwTL1e3faAhF381xFq5oEtPtPwV9Oa3dhwxxlOaYXgmK4TtB7BLTtvrJuQ1RwSpaQoj4m8U2aKYXSdKzYqt3vFMBQ . Acesso em 13/03/2021.

Nesse sentido, recusar-se a voltar para o trabalho se torna uma postura imoral, o que pode representar outros interesses, como a preguiça, algo reprovável em uma sociedade marcada pela ética do trabalho. É pela prática de salvar vidas, onde parece existir uma opção, que se deve utilizar a hidroxicloroquina nos tratamentos de Covid-19¹¹. Assim, torna-se imoral a postura daqueles que preferem deixar mortes acontecerem sem nenhuma tentativa.

Para muito adeptos da postura *cloroquiner*, as notícias que alardam os efeitos da pandemia na sociedade são tomadas como mentiras ou exageros. Se cientistas apontavam que há subnotificação dos dados, adeptos do fim do isolamento apostam em supernotificação e no uso de informações falsas para inibir a reabertura dos comércios e serviços. Em maio de 2020 (um dos períodos mais críticos da pandemia no Brasil), a deputada federal Carla Zambelli – parlamentar que apoia o presidente - denunciou cidades com elevados registros de óbitos por Covid-19 (como Manaus e Fortaleza), afirmando que enterravam caixões vazios para causar pânico. Sua denúncia foi apurada e desmentida, e a própria deputada retratou-se. No entanto, grupos radicais chegaram a desenterrar e abrir caixões para conferir tais informações¹².

Aos governadores e prefeitos que adotaram medidas em favor do isolamento social restou o título – por parte dos *cloroquiners* – de ditadores, outro rótulo com impacto moral no campo político. Na reunião ministerial de 22 de abril de 2020 (amplamente divulgada como prova do processo que tenta atribuir ao presidente uma tentativa de controle da Polícia Federal), Damara Alves, Ministra da mulher, família e direitos humanos, chegou a pedir a prisão de governadores e prefeitos afirmando que estes, no processo de controle das medidas de quarentena e distanciamento, estavam violando os direitos humanos de forma nunca antes vista na história brasileira.

A resistência à vacina merece uma análise particular, pelos muitos princípios e articulações morais que esta revela. Primeiramente, por fazer com o que os *cloroquiners*, também chamados de negacionistas por suas atitudes avessas ao discurso da comunidade científica, passassem a recorrer a princípios da ciência para legitimar

¹¹ Segundo algumas análises, dois ministros da saúde se demitiram em meio à pandemia por não aceitarem a pressão do presidente pela indicação oficial - por parte do ministério - do uso da hidroxicloroquina em pacientes com quadro inicial e grave de covid-19. Cf: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/mandetta-tambem-caiu-apos-discordancias-com-o-presidente-sobre-cloroquina-e-isolamento-vertical.ghtml> Acesso em 13/03/2020.

¹² Cf: <https://epoca.globo.com/brasil/a-farsa-dos-caixoes-vazios-usados-para-minimizar-mortes-por-covid-19-1-24416852> Acesso em 20 de junho de 2020.

sua postura contrária à imunização contra o covid-19. A velocidade dos testes clínicos, resultado de uma dedicação intensa da comunidade científica mundial, passa a ser questionada: “Como uma vacina pode ser desenvolvida e aplicada em período inferior a dois anos, padrão até então praticado?”. Apesar de utilizarem e defenderem uma série argumentos em resistência à comprovação científica, como as de que o isolamento é ineficaz, que pode causar mais contaminação¹³ e de que a cloroquina é um tratamento recomendável para os casos iniciais e graves de covid-19, assumem a narrativa científica como um argumento para a sua disputa moral.

Tal atitude pode ainda ser percebida nos questionamentos aos dados sobre da eficácia das vacinas. Apesar da maioria dos imunizantes ter sua eficácia em torno de 50% e ainda assim alcançarem sucesso nas campanhas de vacinação, a eficácia de 50,38% em evitar possíveis contaminações da CoronaVac, apresentada pelos pesquisadores do Instituto Butantan, foi associada a um possível fracasso do experimento, mesmo que sua taxa em evitar óbitos decorrentes da covid-19 fosse de 100%¹⁴. Os dados objetivos das porcentagens eram utilizados – fora do seu contexto – como prova irrefutável da desconfiança sustentada pelos *cloroquiners*.

Outro confronto moral que se coloca parte de uma atitude xenofóbica frente aos chineses, especialmente em tempos de pandemia. Tal atitude surge a partir de dois princípios: o etnocentrismo, diante de povos de valores e culturas diferentes, e uma guerra de potencialidades econômicas entre China e Estados Unidos, onde o governo brasileiro assumiu o lado da última nação, por conta das relações diplomáticas estreitas estabelecidas com o governo Trump. A classificação da China como um país de governo comunista/socialista – postura política considerada pela extrema direita como origem de todo o mal no mundo – facilitou a tomada de uma postura hostil, mesmo sendo esse país asiático um dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Quanto à xenofobia, vale dizer que os ataques à China nesse contexto pandêmico são constantes por se acreditar que origem do vírus estaria em práticas alimentares no mercado da cidade chinesa de Wuhan, apesar de pesquisadores da OMS

¹³ Um dos principais divulgadores dessa tese foi o deputado Osmar Terra, médico aliado político do presidente Bolsonaro. Cf. em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/osmar-terra-critica-dados-da-saude-e-chama-quarentena-de-inutil/> Acesso em 13/03/2021.

¹⁴ Cf. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/01/12/coronavac-como-eficacia-da-vacina-se-compara-a-outros-imunizantes-ja-aplicados-no-brasil.htm> Acesso em 13/03/2021.

terem desmentido tal hipótese¹⁵. Segundo Perrota (2020), “desde o início da pandemia, diferentes meios de comunicação reportaram o aumento de discriminação aos chineses, associando seus hábitos à culpa pelo surto de Covid-19” (p. 4), pois “os chineses, de uma maneira generalizada, personificam práticas e valores entendidos como culpados pela situação causada pelo novo coronavírus” (Ibid., p. 4).

Essa atitude hostil e xenofóbica com os chineses por conta da pandemia reverberou no discurso de autoridades brasileiras. O deputado Eduardo Bolsonaro começou a chamar o coronavírus de “gripe chinesa” (tendo como referência a gripe espanhola) e responsabilizou os chineses pela pandemia em suas publicações de redes sociais, o que gerou um incidente diplomático (onde o Ministro das Relações Exteriores assumiu a defesa do deputado). Depois, o próprio presidente da república assumiu um discurso crítico à vacina “chinesa”, duvidando da sua eficácia e prometendo, inclusive, que seu governo não compraria doses da CoronaVac, promessa que não foi cumprida¹⁶.

Os setores de extrema direita chegaram a difundir *fakes News* – amplamente divulgadas em grupos de whatsapp - que acusavam os chineses de criar propositalmente a doença para fornecer a vacina, e que a mesma poderia conter “chips” que seriam utilizados para controlar ou acessar dados cerebrais dos vacinados¹⁷. O uso do termo “vachina” – utilizado pejorativamente inclusive pelo presidente da república – revela-se como o ápice dessa atitude etnocêntrica. Resume todas as suspeitas direcionadas ao povo chinês, desde a desqualificação dos demais produtos vindos dessa nação¹⁸ (reconhecidos como “piratas”¹⁹) a crença em um plano de controle a partir da vacina. Diante disso, os que apoiam essa vacina, são partidários de uma prática maléfica, que não promove a vida, mas é utilizada -inclusive - como empecilho para estratégias de cura.

¹⁵ Cf. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/oms-diz-que-coronavirus-nao-teve-origem-em-mercado-de-wuhan/> Acesso em 13/03/2021.

¹⁶ Vale ressaltar que a rejeição da vacina também inclui uma animosidade política entre o presidente Bolsonaro e o governador de São Paulo, João Dória, que associa a CoronaVac ao seu governo, se colocando em oposição ao presidente e suas práticas negacionistas.

¹⁷ Cf. <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contra-covid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml> Acesso em 13/03/2021.

¹⁸ Sobre o detrimento da CoronaVac em relação as outras vacinas (por ser chinesa), vale destacar a afirmação da pesquisadora Margareth Dalcomo, em entrevista ao programa Roda Viva em 14/12/2020: "A China é o maior produtor de insumos em biotecnologia do mundo. Se nós formos levar na ponta da faca, é tudo chinês". Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=PejAXQyyCv0> Acesso em 13/03/2020.

¹⁹ Termo utilizado para classificar produtos falsificados.

4 Considerações finais

As acusações trocadas traçam outra etapa do conflito moral: aos *cloroquiners*, de rejeitarem a ciência e serem manipulados ou mal intencionados, aos *quarenteners*, de acreditarem na grande mídia – “mentirosa” – e serem manipulados ou mal intencionados. Apesar dos argumentos novos, próprios do contexto pandêmico, estes se constituem em um novo formato de uma batalha moral que ganha cada vez mais destaque no Brasil, que ora aparece como reacionários x revolucionários, direita x esquerda, “coxinhas” x mortadelas, entre outras classificações.

Vale dizer que a adesão a essas moralidades pode ter prazo de validade ou assumir dimensões mais complexas que a simples oposição parece garantir. Por parte das autoridades públicas, por exemplo, essas moralidades podem ser relativizadas conforme os princípios de outra arena, a política, que envolve fortemente os interesses eleitorais. Os que defendem o isolamento podem flexibilizá-lo por conta da queda de popularidade que tal medida causa devido aos seus reflexos na economia. O presidente, depois de diversas declarações antivacina, afirmando inclusive que não tomaria e defendendo o direito de escolha de cada cidadão, mudou seu discurso em março de 2021, após declaração amplamente veiculada de Luís Inácio Lula da Silva (ex-presidente da República e possível candidato nas eleições de 2022), onde criticava o presidente em exercício e defendia – em oposição – práticas como o isolamento, o uso da máscara e a vacinação, responsabilizando seu rival político pela situação caótica em que o país se encontra perante à pandemia²⁰.

Referências

BLANC, Manuela; CONCEIÇÃO, Wellington S. Cidades, seus fluxos e o espraiamento viral: As prospecções possíveis em uma análise da incidência da Covid-19 em TO, MA, ES e RJ. *Dilemas, Reflexões na pandemia*, p. 1-29, 2020. Disponível em:

<https://www.reflexpandemia.org/>

DAVIS, Mike. A crise do Coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: HARVEY, David et All. **Coronavírus e a luta de classes**. Fortaleza: Terra sem amos, 2020.

²⁰ Cf. <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2021/03/11/apos-lula-governistas-tentam-mudar-discurso-sobre-vacina-e-voltam-a-mirar-pazuello.ghtml> Acesso em 13/03/2021.

DURKHEIM, Émile. **Ética e sociologia da moral**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de Covid-19. In: _____ et All. **Coronavírus e a luta de classes**. Fortaleza: Terra sem amos, 2020.

MACHADO, Carly. Rebanho de quem? Sobre religião, contágio e ideias que viralizam em tempos de pandemia. **Dilemas**, Reflexões na pandemia, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/>.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PERROTA, A. P. Serpentes, morcegos, pangolins e ‘mercados úmidos’ chineses: Uma crítica da construção de vilões epidêmicos no combate à Covid-19. **Dilemas**, Reflexões na pandemia, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/>